

A literatura paradaniélica de Qumran, as idades do mundo e as monarquias mundiais: o tema da árvore cósmica

The literature of Qumran, the ages of the world and the world's monarchies: the cosmic tree theme

Resumo: O tema mítico da árvore cósmica sobre a qual repousa o mundo funde-se com o tema das monarquias mundiais; por si só isso bastaria para apontar uma influência, mas também uma relação muito próxima entre doutrinas judaicas e iranianas. É de se notar, no entanto, que aqui não se trata de uma única árvore com galhos esparsos, mas de várias árvores; a imaginação do visionário deu um salto significativo, nesse aspecto.

Palavras-chave: Bíblia. Daniel. Árvore.

Abstract: The mythical theme of the cosmic tree on which rests the world merges with the theme of the world's monarchies; by itself this would suffice to point an influence, but also a very close relationship between Iranian and Jewish doctrines. It should be noted, however, that there is not a single tree with sparse branches, but several trees; the imagination of visionary gave a significant jump in this respect.

Keywords: Bible. Daniel. Tree.

Vicente Dobroruka*

O mito das idades do mundo encontra-se, como é de conhecimento geral, associado ao das monarquias universais e à seqüência de metais em estilo hesiódico no livro de Daniel. O fato é em si mesmo notável por sua abrangência, permanência na longa duração, influência posterior - e também por ser um dos poucos casos em que os três complexos míticos em questão apresentam-se de forma unificada ao investigador. As peculiaridades resultantes da fusão dos mitos em Daniel não serão exploradas aqui; este trabalho ocupa-se antes das variantes que tal fusão de complexos míticos apresenta na rica - porém fragmentária - literatura paradaniélica encontrada nos Manuscritos do Mar Morto. Temos, assim:

Palavras da oração proferida por Nabunai rei da terra da Babilônia,³ o grande rei, quando foi afligido por uma úlcera maligna em Teiman por decreto do Altíssimo. 'Estive afligido por uma úlcera maligna por sete anos [...] e um exorcista perdoou meus pecados. Ele era um judeu (dentre os filhos do exílio de Judá, e disse: 'Reconte isto por escrito para glorificar e exaltar o nome do Altíssimo'. E assim escrevi'. 'Estive afligido por uma úlcera maligna em Teiman por decreto do Altíssimo. Por sete anos rezei aos⁴ deuses de ouro e prata, bronze e ferro, madeira e pedra e barro, por acreditar que fossem deuses [...]'.⁴

O texto citado é anterior ao Daniel bíblico, segundo Milik (MILIK, 1956); revela-se de interesse peculiar por incluir a seqüência dos metais na ordem certa (ouro, prata, bronze e ferro - estes dois últimos reconstituídos a partir dos fragmentos), mas num sentido não-histórico - trata-se aqui apenas da ordem de confecção dos ídolos em função de seu material; fica implícita uma seqüência de decadência, pela decrescente dignidade dos materiais citados. É interessante notar também que, ao acrescentarem-se os últimos três materiais, teríamos uma seqüência de sete, talvez artificialmente harmonizada com os sete anos em que a úlcera afligiu Nabônides (CROSS, 1984; MARTÍNEZ, 1992b; PUECH, 1996). Indiretamente, isso remeteria às seqüências e impérios mundiais em número de sete ou mais, como na apocalíptica persa, da qual tratarei com mais detalhe abaixo, e nos *Oráculos sibílicos*

(p.ex. OrSib 3:156-161). Mas isso é mera especulação, já que o texto tem caráter apologético e seu autor não se mostra interessado no sentido da história: o recurso aos metais em seqüência decadente pode ser de fato mera retórica, a apropriação de um lugar-comum para exemplificar a futilidade dos ídolos materiais frente à majestade divina.

O barro, para o qual normalmente se fornece uma explicação bastante incompleta, em minha opinião - seu surgimento seria manifestação das incompatibilidades dinástico-conjugais de Lágidas e Selêucidas, já como elemento explicativo presente na mente do autor da passagem -, deve cumprir outra função, se o raciocínio de Ginsberg e da maior parte dos autores modernos estiver correta (i.e. se Dn 1-6 forem pré-167 a.C. e 7-12 posteriores; GINSBERG, 1954, p. 246); isto significa que se a alusão ao barro misturado com o ferro nos pés da estátua em Dn 2:41-43 referir-se de fato aos casamentos entre as duas dinastias, terá sido no máximo o uso original de uma idéia anterior, possivelmente de origem persa e que em nada relaciona-se, em sua origem, às querelas dinásticas helenísticas.⁵

A próxima passagem de interesse combina os fragmentos 4Q243-245 (“Escritos paradaniélicos” - Vermès - ou “pseudo-Daniel em aramaico” - Martínez e Tigchelaar); a reconstituição proposta por Vermès, embora toque no ponto essencial (o uso do nome de Daniel, ao menos 3 vezes), é insuficiente para o propósito deste artigo e por isso utilizarei aqui a versão de Martínez e Tigchelaar, composta por 24 fr. para 4Q243, 12 para 4Q244 e 2 para 4Q245:

Ele perguntou a Daniel, dizendo: seu Deus, e um número [...]⁶ (MARTÍNEZ, 1992b; COLLINS, 1996) os filhos de Israel preferiram sua presença acima da presença de Deus e sacrificaram seus filhos aos demônios da ilusão. Deus enfureceu-se contra eles entregou-os nas mãos de Nabucodonosor, rei da Babilônia, e fez tornar sua terra desolada, porque [...]
Segue-se, no fragmento 16, a seção realmente interessante em que se encontra a tradicional remissão às 70 semanas de Jeremias e ao primeiro reino do que deve ter sido uma seqüência de quatro, já que o texto refere-se explicitamente a Daniel: “[...] oprimidos por setenta anos [...] com Sua grande mão Ele os salvará [...] e o reino dos povos ... Este é o primeiro reino [...]”.

Q245 consiste de pouco mais do que uma lista de nomes - possivelmente de sacerdotes e foge ao interesse do artigo. A seqüência 4Q243-245, por fragmentária que se mostre, é importante por revelar, fora do livro de Daniel, outros usos de sua figura (ainda que em contextos semelhantes - divinação, impérios sucessivos implicados). Se 4Q243-245 é de interesse quase periférico, o mesmo não se pode dizer de 4Q552-553: aqui o tema dos impérios mundiais desabrocha com toda a clareza, associado ao da angelologia, ao da árvore cósmica⁷ e do anjo brilhante, semelhante ao que se manifesta em Dn 10:4-12:

Eu vi um anjo de pé, sobre o qual brilhava a luz e quatro árvores estavam ao seu lado. E as árvores levantaram-se e moveram-se para longe dele. E ele me disse: ‘Vês esta forma?’ E eu disse: ‘Sim. Eu a vejo e percebo’. E vi a árvore [...] colocada. Então lhe perguntei: ‘Qual o seu nome?’ E ele me disse: ‘Babel’. E eu lhe disse: ‘É você que governa a Pérsia?’⁸ E vi outra árvore [...] e lhe perguntei: ‘Qual o seu nome?’ E ela me disse: [...] E eu lhe falei: ‘É você que preside sobre todas as potências do mar e os portos e [...]?’ E vi uma terceira árvore e lhe disse: ‘Qual o seu nome e porque a tua aparência [...]’ (ROWLEY, 1935)

É de se notar que a alusão à terceira árvore como tendo uma aparência distinta (ao menos é o que o fragmento em aramaico sugere) faz pensar no animal espantoso que é a quarta besta a sair da água em Dn 7:19:

Então tive desejo de conhecer a verdade a respeito do quarto animal, que era diferente de todos os outros, muito terrível, cujos dentes eram de ferro e as suas unhas de bronze; que devorava, fazia em pedaços e pisava aos pés o que sobrava [...].

Na versão traduzida por Martínez e Tigchelaar, existem acréscimos em diversos fr., dos quais o 2 parece o mais significativo em termos do conhecimento de versões alternativas para o tema das monarquias mundiais na literatura paradaniélica: “E eu lhe falei: ‘Ele é de [...]’”, o que sugere um diálogo entre o visionário e uma figura angélica; o wh deixa claro que se trata de um masculino, possivelmente outro anjo guardião ou outro reino. A edição de Vermès, por sua vez, omite os fr. que constituem a primeira coluna do conjunto: nesses trechos, três paralelos com o tratamento meta-histórico daniélico saltam aos olhos: 1. Entre as linhas 1-8, há referências à luz dos anjos (cf. Dn 7:2-3: “Falou Daniel, e disse: Eu estava olhando na minha visão da noite, e eis que os quatro ventos do céu agitavam o mar grande. E quatro animais grandes, diferentes uns dos outros, subiam do mar”); 2. Ao que deverá ocorrer no futuro; 3. E a algo que se ergue e que terá fim - reinos, animais, ou outra coisa? Em paralelo com Dn 7:11-12, é algo que terá fim, por oposição ao reino dos santos do Altíssimo, que será eterno.

O trecho alude, explicitamente, apenas, a dois reinos, Babilônia e Pérsia (na verdade, à “Babel” e à Pérsia); curiosamente, é a mesma árvore que remete a ambas. Das outras duas nada se sabe de sua identificação - a segunda é tida como governante das potências marítimas e portos, e da terceira só podemos inferir que tinha uma aparência diferente das demais. É razoável supor que houvesse uma quarta (na verdade a pergunta inicial já faz supor que o visionário nos revela dois reinos de seu conhecimento - e desse modo, mesmo que “Babel” não seja sinônimo de “Pérsia”, o que é auto-evidente, teríamos as quatro monarquias, acrescentando-se a das potências marítimas e a de aparência estranha).

Mas o fragmento conclui com a referência à terceira árvore, e nada sabemos sobre a quarta (embora o texto inicie-se com a afirmativa de que se trata, efetivamente de quatro árvores ao lado do anjo inicial): o parêntese acima é apenas uma conjectura. Daquilo que sobrou de 4Q552-553, temos um número de temas comuns ao complexo mítico das idades do mundo tal como o conhecemos de fontes persas, embora com variantes significativas e um *terminus post quem* de meados do séc.II a.C. - em princípio compatível com o restante do material canônico de Daniel, o que abriria espaço para a possibilidade da quarta árvore ser Roma e a terceira, por sua estranheza evocativa da quarta besta, constituir-se dos reinos helenísticos. Mas isso é algo altamente especulativo.

A primeira coisa em comum com o Daniel canônico é a própria idéia de que alguma entidade (sobrenatural) governa a Pérsia, embora seja estranho q seu nome seja “Babel”. A segunda é a luz que envolve o anjo, evocando a alvura da figura sobrenatural em Dn 7:9 e também as “fagulhas” de 4Q246. Por fim, o tema das árvores mostra aqui ecos de um conjunto mítico muito antigo e muito vasto, que pode ser também traçado até suas origens indo-iranianas por diversos caminhos (VIENNOT, 1954). Mas como sempre, as dificuldades de datação das fontes persas impedem qualquer conclusão definitiva sobre o assunto.

A primeira versão do tema surge no *Bahman Yasht* (texto tido com ou sem razão como um “apocalipse” persa: nele, Zoroastro vê, por 2 vezes, uma árvore que simboliza as idades do mundo, associadas a monarquias míticas e históricas (*Bahman Yasht* 1.3-11 e 3.19-29). Cada galho representa

uma monarquia, por sua vez associada a um metal (estes ausentes em 4Q552-553); mas por outro lado, as monarquias do BY são meio históricas, meio lendárias (i.e. confundem-se reinos verdadeiros com reinos míticos, nas duas variantes do mito; é importante recordar que nos dois casos todas as eras e monarquias manifestam-se através da onisciência de Ahura Mazda; cf. CERETI, 1995).⁹

O tema da árvore cósmica pode ser remetido a um passado indo-iraniano ainda mais remoto se levarmos em conta o relato do gnóstico Bardesanes, no século 2 d.C.. Em seu relato, ele nos diz que soube por meio dos brâmanes indianos que no centro da Terra existe um homem de braços abertos e membros esticados, como se crucificado: é o corpo de Deus (e pela posição dos membros, remete novamente ao número 4, e pela referência à posição, à árvore; cf. WIDENGREN, 1995, pp.26; 57). O relato de Bardesanes, reportado por Stobeu (*Antologia* 2.2) nos revela ainda que sua metade direita é homem, à esquerda mulher; de seu lado direito encontra-se o Sol, do esquerdo a Lua. Sobre seus braços repousa tudo o que há no mundo - o céu, os animais, os rios, as plantas. Deus teria dado essa estátua a seu filho para ter um modelo para a criação do mundo. Esse homem primordial tem um corpo que corresponde ao do Deus supremo (WIDENGREN, 1995, p. 26).¹⁰

O tema mítico da árvore cósmica sobre a qual repousa o mundo, ou, historicizada como na literatura paradaniélica (e mesmo no livro canônico, em Dn 4:10) funde-se, tanto na última como no Daniel canônico, com o tema das monarquias mundiais; por si só isso bastaria para apontar, já não digo uma influência, mas ao menos uma relação muito próxima entre doutrinas judaicas e iranianas. É de se notar, no entanto, que aqui não se trata de uma única árvore com galhos esparsos, mas de várias árvores; a imaginação do visionário deu um salto significativo, nesse aspecto. A variante pode ter se perpetuado no *Apocalipse siríaco de Baruch* (2Br), como veremos a seguir.

Mas o tema de várias árvores simbolizando impérios mundiais não é de modo algum estranho ao judaísmo do Segundo Templo: se pensarmos no apocalipse da floresta, do cedro, da vinha e da fonte em 2Br 36, teremos um quadro parecido – só que aqui a floresta toda representa os impérios mundiais e o cedro, talvez por seu porte e qualidade intrínsecas, foi escolhido para representar a última e mais iníqua das monarquias. O texto, portanto, diz:

E tendo dito isso, caí em sono naquele local e tive uma visão noturna. E vede, havia uma floresta com árvores na planície, cercada por montanhas e pedras. E a floresta ocupava muito espaço. E vede, contra ela surgiu uma vinha, e por baixo dela corria pacificamente uma fonte. Essa fonte chegou até a floresta, transformou-se em grandes ondas e essas ondas submergiram por completo a floresta [...] E essa fonte tornou-se tão forte que nada deixou da floresta além de um cedro. E ao destruir também este, nada sobrou da floresta, e seu lugar sequer foi recordado [...] E eu vi, vede, aquela vinha abriu a boca e falou e disse ao cedro: 'Não foi você o que restou da floresta da iniquidade? Por tua causa, fez-se durante todos esses anos a injustiça, mas nunca o bem. Tiveste poder sobre o que não te pertencia; e não tiveste compaixão quanto ao que não te pertencia [...]

A explicação da visão, em 2Br 39, é a de que a multidão das árvores na planície representa o quarto reino, do qual tudo o que restará é o cedro, destruído para dar lugar ao reino do Messias (2Br 39:5-8, com paralelos em 4Ezra 5; cf. KLIJN, 1983-1985, p. 632-633).

É de se notar que, se 2Br for posterior à 4Q552-553 (o que se pode ter como praticamente certo), representaria um desenvolvimento de uma mesma tradição simbólica que associa as árvores aos impérios, e de modo cada vez mais intenso - primeiro uma árvore, nos mitos indianos ou persas; depois quatro, na literatura paradaniélica; finalmente, uma floresta indistinta onde mesmo o mais

preclaro visionário seria incapaz de identificar uma seqüência de quatro monarquias mundiais não fosse a intervenção direta e explicativa (MURPHY, 1985a. Por fim, em 4Q246 (“Apocalipse aramaico”) não encontramos a doutrina das quatro idades ou quatro monarquias formulada com a mesma precisão, mas as referências a Daniel são abundantes: uma figura não-identificada que muito se assemelha ao Daniel bíblico goza do favor divino e por isso revela algo a um rei, no estilo de Dn 2:19 ss. (Nabucodonosor). As únicas referências a monarquias são à Assíria (metaforicamente, os Selêucidas) e ao Egito. Outro ponto comum com Daniel são as referências ao povo de Deus e ao seu reino, que será eterno segundo 4Q246 = Dn 7:27; seu domínio igualmente será para sempre, como em Dn 7:14.

Em suma, em 4Q246 não temos uma formulação tão clara do tema como em 4Q 552-553 mas, por outro lado, as referências ao desfecho escatológico são muito mais claras e o paralelismo temático com o Daniel canônico muito mais explícito. Portanto, a referência final ao reino do povo de Deus (os “santos do Altíssimo” de Dn 7:27 etc.) encaixa-se também num estudo das monarquias mundiais tal como as encontramos em Qumran; afinal, essa seria a quinta e última monarquia. Portanto, a col.II do fr. mostraria uma continuidade, ainda que mediada, com o Daniel canônico: teríamos a seqüência “filho do Altíssimo” > “reino dos santos do Altíssimo” e as fagulhas resultantes da experiência visionária intermediando o episódio. É intermediária também a etapa que se diz que eles “reinarão na Terra”, e em que uma província colocar-se-á contra a outra (na frase anterior fala-se de um “povo” contra outro, o que faria equivaler ao uso em aramaico) até que o povo de Deus descansará da espada; então as províncias, em paz, as homenagearão.

Mas independentemente das diferenças vocabulares, ao fim e ao cabo em 4Q246 e em Dn 7:12; 22; 25 *passim*. tem-se a mesma idéia formulada - a entrega final da Terra aos eleitos de Deus, com a ressalva de que 4Q246 encerra-se com o termo “fronteiras”, sem que se saiba bem quais: em paralelo com Dn 7:27, teríamos

4Q246	Dn 7:27
Ele [Deus] os prostrará [os gentios] diante deles [os eleitos]. Seu domínio será eterno, e todas as fronteiras de [fim do fr.] [...]¹¹	E o reino, e o domínio, e a majestade dos reinos debaixo de todo o céu serão dados ao povo dos santos do Altíssimo; o seu reino será um reino eterno, e todos os domínios o servirão, e lhe obedecerão.

Por fim, 4Q180 (“As idades da Criação”) fala em idades do mundo mas num sentido bem diferente, e evocando uma periodização semelhante não apenas à do *Livro etiópico de Enoch* (1En), mas também às de Dn e Jr, ao se falar em “semanas de anos”. É de se ressaltar em em 1En 52:1-3 temos a seguinte seqüência: montanhas de ferro, cobre, prata, ouro (até aqui, uma inversão da sequêcia original do mito) e, depois, mais três materiais em outras duas montanhas - uma de um “metal colorido”, de natureza não-especificada, e a última de chumbo. Todas derreterão como uma colméia na presença do Eleito de Deus (52:6), e as montanhas serão destruídas - uma inversão flagrante do tema da montanha que será, ela sim agente divino em Dn 2.¹²

De todo modo, não se trata de “idades” no sentido indo-iraniano em que se apresentam na literatura paradaniélica, nos mitos indianos e persas ou mesmo em Hesíodo; daí o interesse de 4Q180 ser mínimo para o tema deste artigo.

Como conclusões, podemos afirmar que a literatura paradaniélica de Qumran, quando analisada do ponto de vista das monarquias mundiais e em sua relação com os complexos míticos persas e indianos que se lhe assemelham, revela ser mais antiga do que os mesmos temas desenvolvidos, por exemplo, em 2Br. Por outro lado, isso não serve como argumento em favor da anterioridade necessária dos

mitos persas quanto aos judaicos, já que, se podemos datar os fragmentos paradaniélicos com precisão, continuamos na mesma névoa quando se trata dos textos persas; em minha opinião é razoável - mas não mais do que isso - supor que a literatura persa tenha influenciado a doutrina judaica no que concerne às monarquias mundiais e idades do mundo (incluindo aí os metais, por sinal virtualmente ausentes nos fragmentos de Qumran, com exceção de 4Q242) do que o oposto (GIGNOUX, 1986, p. 67-78 e GIGNOUX, 1988).¹³ Mas Collins está absolutamente correto ao afirmar que esses fragmentos apontam para a antigüidade - e vigor - da tradição visionária daniélica, toda ela apoiada no tema do sentido do tempo e da história humana, mais do que no conhecimento do Além e de viagens que o propiciem.

* **Vicente Dobroruka** é Professor Adjunto de História Antiga na Universidade de Brasília.

Notas

¹ Para o livro de Daniel utilizei a versão em português da *Bíblia da Jerusalém*, 1990, cotejada com os comentários de James A. Montgomery. *A Critical and Exegetical Commentary on the Book of Daniel*, 1950, e de John J. Collins. *Daniel: a Commentary on the Book of Daniel*, 1993, com as versões em hebraico (Biblia Hebraica Stuttgartensia) e em grego (Rahlfs). Para os fragmentos propriamente ditos foram utilizadas as edições de Geza Vermès. *The Complete Dead Sea Scrolls in English*, 1997, e a de Florentino G. Martínez e Eibert J.C. Tigchelaar. *The Dead Sea Scrolls. Study Edition*, 2000.

² Exorcismos são tratados com seriedade por Josefo na *Guerra dos judeus* 7.185 e nas *Antigüidades judaicas* 8.45-48. Josefo descreve os métodos contemporâneos de exorcismo, e essa é uma tradição bem atestada em toda a literatura talmúdica, especialmente atribuída a Salomão. Outro exemplo interessante pode ser encontrado no livro de Tobias.

³ As reconstituições de lacunas, quer na versão de Vermès, quer na de Martínez-Tigchelaar, foram omitidas nos trechos transcritos para este artigo, por não oferecerem maior interesse quanto ao foco central da pesquisa em curso. Quando for o caso, serão discutidas individualmente.

⁴ No fragmento, lk, “todos os deuses”, o que pode ser mero recurso retórico ou implicar no esgotamento do tema e dos materiais de que são feitos. Cf. a reconstituição hipotética de Martínez e Tigchelaar, vol.2, p.486-487. Vermès segue uma tradução mais literal e omite o “todos”. Embora os materiais sejam distintos em alguns dos casos (notadamente nos três últimos, madeira, pedra e barro, é sugestivo que o total perfaça sete materiais distintos, como na segunda versão do tema da árvore cósmica e seus galhos no texto persa de que tratarei mais abaixo, o *Bahman Yašt* (BY 3.19 ss.).

⁵ Não entrarei na discussão do que significaria originalmente a mistura do barro com outro material no *Bahman Yašt* (daqui em diante apenas BY), por fugir ao tema do artigo; mas deve-se notar que os mss. Persas, no estado em que nos chegaram, falam de ferro misturado, sem explicitar com o quê (BY 3.29 e a explicação de Ahuramazda nada acrescenta em termos de fusões dinásticas, a meu ver). Autores modernos preenchem a lacuna, “logicamente”, com o ferro de Dn 2, gerando assim um raciocínio circular - Dn teria sido influenciado por fontes persas que lhe antecedem e aquilo que falta nessas fontes pode ser completado com material daniélico. Tamanha falta de método está entre as mais espantosas com que um estudioso da literatura apocalíptica pode se deparar.

⁶ Os fragmentos apresentam lacunas demais, mas esse trecho inicial parece revestir-se de especial importância pelo fato de tratar, como em Dn 2, de um problema que Daniel é chamado a resolver; sua natureza não se esclarece com o desenvolvimento dos fragmentos que nos chegaram.

⁷ O mesmo tema manifesta-se no *Apocalipse siríaco de Baruch* (2Br), no apocalipse da floresta, do cedro, da fonte e da vinha; tratarei dele ao final do artigo.

⁸ Lembrando o anjo que, ajudado por Micael, enfrentou o anjo guardião da Pérsia em Dn 10:13, mas também evocando as típicas trapalhadas geopolíticas dos autores do Daniel bíblico, das quais a mais conhecida é a figura de “Dario, o Medo”.

⁹ Na verdade, o que chamamos, por comodidade, de “Bahman Yasht” não é um *yasht* (i.e. uma seção do *Avesta*, texto sagrado do zoroastrismo) mas um comentário a seu respeito, que é assumidamente muito posterior aos originais (de cuja existência os mais céticos chegam a duvidar, em certos casos). Portanto, o BY ao qual nos referimos é posterior à literatura paradaniélica de Qumran em pelo menos 400 anos, e os manuscritos, em mil ou mais.

¹⁰ Um exemplo ainda mais antigo do tema encontra-se no “Hino de Skambha” (*Atharvaveda* 5.32-34, no qual o corpo divino do Deus supremo (que é andrógino) é o mundo visível. Os homens da primeira era também são andróginos. No “Hino de Skambha” o símbolo de Deus é um tronco que é, evidentemente, o da árvore cósmica. As quatro idades do mundo são os quatro períodos da vida do corpo divino e seu envelhecimento - na Índia, a especulação apocalíptica se dá num esquema de 4 períodos que constituem um *kalpa* ou *caturyuga*, onde cada período se denomina de *yuga*. Assim: 1. *Kritayuga*: 4000 anos, + uma aurora de 400 e um crepúsculo de 400; 2. *Tretayuga*: 3000 anos, + uma aurora de 300 e um crepúsculo de 300; 3. *Dvaparayuga*: 2000 anos, + uma aurora de 200 e um crepúsculo de 200; 4. *Kaliyuga*: 1000 anos, + uma aurora de 100 e um crepúsculo de 100. O total é de 12000 anos. Crítica ao trabalho de Reitzenstein por confundir idade do mundo e império do mundo. A cronologia acima já se encontra no *Mahabharata*. No primeiro período são formados de gêmeos e a vida humana, na qual os mandamentos éticos são observados, dura 4000 anos. Há um paralelo para o mito no *Rig Veda* 10.10, no qual Yama recusa-se a se unir à sua irmã gêmea Yami, o que mostra a existência de um mito indo-iraniano no qual os gêmeos primordiais fazem nascer os primeiros homens, e implica a noção de que os homens da primeira idade eram gêmeos. Nesse período de felicidade, a cor de Vishnu-Narayana, cujo corpo é o universo, é o branco. No segundo período, *treta*, os homens não são mais gêmeos, mas sim homens e mulheres; existem ofícios, casas e a propriedade privada. O *dharma* (a lei) reduziu-se de 1/4 e a vida humana também. A cor de Vishnu é o vermelho. No terceiro, *dvapara*, o *dharma* reduziu-se em mais 1/4; os homens estão expostos a doenças, surgem a avareza e a mortalidade. A cor de Vishnu é o amarelo. No quarto, *kali*, todas as desgraças surgem sobre os homens, e o curso de todas as coisas se inverteu. Resta apenas 1/4 do *dharma*. O mundo torna-se cheio de heresias e a cor de Vishnu é o preto. Há ainda um paralelo na fala de Aristóteles durante o *Banquete* de Platão, mas isso nos levaria longe demais da análise proposta neste artigo.

¹¹ Colchetes meus, indicando termos insuficientemente claros pela citação; mas pode-se pensar que as fronteiras referem-se às “províncias”, doravante tornadas supérfluas num mundo redimido em definitivo das dissensões humanas.

¹² A dupla menção ao “metal colorido” faz pensar inevitavelmente numa mistura, embora não se possa provar o argumento; e as montanhas como algo a ser destruído no Juízo evoca o zoroastrismo, onde elas também são vistas como resultado do ataque da Ahriman à Criação material, que originalmente não as previa (cf. *Bundahišn* 34.4; 27 e para o ordálio pelo metal derretido, *Yasna* 51.9).

¹³ A discussão é longa e tem em Philippe Gignoux um dos mais convictos defensores da trajetória leste-oeste para os complexos míticos abordados.

Referências

CERETI, Carlo G. (ed.). *The Zand i Wahman Yasn: a Zoroastrian Apocalypse*. Roma: Istituto italiano per il Medio ed Estremo Oriente, 1995.

CROSS, Frank M. Fragments of the Prayer of Nabonidus. *Israel Exploration Journal* 34, 1984.

COLLINS, John J. *Daniel: A Commentary on the Book of Daniel*. Minneapolis: Fortress Press, 1993.

COLLINS, John J. Pseudo-Daniel revisited. *Revue de Qumran* 17, 1996.

GIGNOUX, Philippe. Nouveaux regards sur l’apocalyptique iranienne. *Comptes rendus de l’Académie des Inscriptions et Belles Lettres*, 1986.

GIGNOUX, Philippe. L’apocalyptique iranienne est-elle vraiment la source d’autres Apocalypses? *Acta Antiqua Academiae Scientiarum Hungaricae* 31 (1-2): 67-78, 1988.

GINSBERG, Harold L. The composition of the Book of Daniel. *Vetus Testamentum* 4 (3), 1954.

- KLIJN, Albertus F.J. 2 Baruch. In: James H. Charlesworth (Ed.). *The Old Testament Pseudepigrapha*. New York: Doubleday, 1983-1985. Vol.1. p. 632-633.
- MARTÍNEZ, Florentino G. The Prayer of Nabonidus: a new synthesis. In: _____. *Qumran and Apocalyptic: Studies on the Aramaic Texts from Qumran*. Leiden: Brill, 1992. (a)
- MARTÍNEZ, Florentino G. 4Q Pseudo Daniel Aramaic and the Pseudo Daniel literature. In: _____. *Qumran and Apocalyptic: Studies on the Aramaic Texts from Qumran*. Leiden: Brill, 1992.
- MARTÍNEZ, Florentino G. e TIGCHELAAR, Eibert J. C. *The Dead Sea Scrolls. Study Edition*. Leiden / Grande Rapids: Brill / Eerdmans, 2000.
- MILIK, Józef T. Prière de Nabonide et autres écrits d'un cycle de Daniel. *Revue Biblique* 63, 1956.
- MONTGOMERY, James A. *A Critical and Exegetical Commentary on the Book of Daniel*. Edinburgh: T & T Clark, 1950.
- MURPHY, Frederick J. *The Structure and Meaning of Second Baruch*. Atlanta: Scholars Press, 1985. (a)
- MURPHY, Frederick J. Baruch and the Romans. *Journal of Biblical Literature* 104, 1985. (b)
- PUECH, Émile. La prière de Nabonide (4Q242). In: CATHCART, Kevin J. e MAHER, Michael (Ed.). *Targumic and Cognate Studies: Essays in Honour of Martin McNamara*. Sheffield: Sheffield University Press, 1996.
- ROWLEY, Harold H. *Darius, the Mede and the Four World Empires in the Book of Daniel: a Historical Study of Contemporary Theories*. Cardiff: University of Wales, 1935.
- VERMÈS, Geza. *The Complete Dead Sea Scrolls in English*. London: Penguin, 1997.
- VIENNOT, Odette. *Le culte de l'arbre dans l'Inde ancienne*. Paris: P.U.F., 1954.
- WIDENGREN, Geo. Les quatre ages du monde. In: _____. *Apocalyptique iranienne et dualisme qoumrânien*. Paris: Adrien Maisonneuve, 1995.